

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

PAULO AUGUSTO CHUCHENSKY ALES

O ATAQUE RUS' À BIZÂNCIO EM 860.

MARIANA

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

PAULO AUGUSTO CHUCHENSKY ALES

O ATAQUE RUS' À BIZÂNCIO EM 860.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História, do Departamento de História, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Tadeu Salles.

MARIANA

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Paulo Augusto Chuchensky Ales

O ATAQUE RUS' À BIZÂNCIO EM 860

Membros da banca

Renato Viana Boy - doutor - Universidade Federal da Fronteira Sul / LEME
Fabio Duarte Joly - doutor - Universidade Federal de Ouro Preto / LEIR
Bruno Tadeu Salles - doutor - Universidade Federal de Ouro Preto / LEME (Orientador)

Versão final

Aprovado em 10 de Dezembro de 2019

De acordo

Professor (a) Orientador (a) Bruno Tadeu Salles



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Tadeu Salles, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/06/2020, às 18:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0060443** e o código CRC **53597342**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.004410/2020-79

SEI nº 0060443

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: 3135579406 - www.ufop.br

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar à UFOP, por seu ensino de qualidade que me proporcionou uma visão do mundo diferente, aos professores que me inspiraram ao longo de minha trajetória abrindo campos que jamais esperaria compreender algum dia.

Agradecer também ao meu orientador, Professor Bruno Tadeu Salles, por toda a paciência nas horas difíceis e no cuidado ao passar seus ensinamentos, abrindo portas para um campo de estudo que acrescentou muito à minha vida.

Gostaria de agradecer à República Partenon, por me acolher onde ao longo desses quatro anos fiz tantas amizades e, acima de tudo, pelas discussões que mais nos uniram do que qualquer conversa calma. Ao Rubens e Victor, por serem parte da geração que fortaleceu a irmandade com os mais novos. Ao Thiago, por me salvar na fila de matrícula e pelos caminhos que descobrimos ser parecidos. Ao Mateus, pela irmandade e por me ensinar um pouco de calma. Ao Gabriel, pela irmandade e ânimo em meio ao mundo novo.

Gostaria de agradecer à Ana, por seus cuidados nos momentos difíceis por carinho. Por ser sempre paciente e gentil em meio à confusão, assim como imaginar nossos sonhos juntos.

Também gostaria de agradecer ao astro principal responsável por tudo isso, minha mãe, Luzia, que caminhou incontáveis desertos na criação de um filho, passando o melhor de si e dando todo o amor que alguém poderia merecer. Obrigado pelas inspirações, pelas palavras sábias e pelos ditados bobos que só assim o são por rirmos juntos da vida. Também a meu pai, que não está mais presente, mas deixou a vitalidade correndo em minhas veias e a imagem do seu sorriso na lembrança.

*Gurizito canoeiro, hijo de un viejo nel sur.
Pescador do Camaquã, do rio Negro e do Iguaçu!
[...] Gurizito canoeiro, pescador del Paraná.
Con su perro compañero silvando lindo se vá!*

(Pedro Ortaça)

Рухом фіри, диня собі знайде кутик.

| | |
|---|----|
| Sumário | |
| Introdução | 6 |
| Capítulo 1: Descrição do território russita e atividades de sobrevivência nele. | |
| 1.1 Aspectos geográficos | 8 |
| 1.2 Fontes. | |
| 1.2.1 <i>Crônica Primária</i> | 10 |
| Capítulo 2: Alguns elementos dos poderes envolvidos. | |
| 2.1 Rus' | 12 |
| 2.2 Bizâncio | 14 |
| 2.3 Islã..... | 17 |
| Capítulo 3: O contexto..... | 19 |
| Capítulo 4: O ataque e as motivações..... | 20 |
| Conclusão | 25 |

Lista de mapas.

Mapa 1: Mapa dos possíveis pontos comerciais seguros em direção à estepe pôntica. Página 9

Extraído de:

pt.wikipedia.org/wiki/Estepe_p%C3%B4ntica#/media/Ficheiro:Pontic_Caspian_climate.png.

Acessado em: 26/11/2019

Mapa 2: Mapa dos territórios pertencentes aos Rus'. Página 13.

Extraído de: JOTISCHKY; HULL; Historical Atlas of the Medieval World. 2005, p. 93

Mapa 3: Mapa indicando a extensão do Império Bizantino. Página 15.

Extraído de: JOTISCHKY; HULL; Historical Atlas of the Medieval World. 2005, p. 91

Mapa 4: Mapa localizando Amório em 838. Página 19.

Extraído de: pt.wikipedia.org/wiki/Saque_de_Am%C3%B3rio#/media/Ficheiro:Byzantine-Arab_wars,_837-838-pt.svg.

Acessado em: 26/11/2019

Mapa 5: Mapa referente aos destinos das incursões Vikings. Página 23.

Extraído de: JOTISCHKY; HULL; Historical Atlas of the Medieval World. 2005, p. 31

Introdução.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar como e quais foram os motivos que levaram os povos da Rus' a atacar Bizâncio em 860, Além disso, buscamos situar o ataque nos equilíbrios de poder existentes no Oriente Próximo naquele momento. Os responsáveis pelo ataque nada mais eram que um conjunto pertencente ao grupo dos vikings. Estes últimos, também conhecidos como normandos, ganharam destaque por suas incursões, principalmente na Europa no período do século VIII ao XI. Eles chegaram a colonizar algumas áreas, sendo a Normandia, na França, um exemplo de suas conquistas territoriais.

A necessidade de abordar este tema nos veio à tona em função de um déficit de produções historiográficas em português sobre o tema. Isso nos obrigou, a produzir algo que pudesse responder nossas dúvidas e também auxiliar futuramente os demais interessados no tema. Acima de tudo, realizar um esforço para deslocar o olhar focalizado no Ocidente e que deixa de lado outras regiões que, na verdade, se mostram importantes para pensar uma História Conectada da Idade Média.

Realizamos um levantamento da geografia russa naquele período para expor os ambientes em que os russitas viviam e como isso limitou seu processo de expansão após a união das tribos eslavas ao seu redor. Buscamos, com isso, demonstrar o motivo para tal intento tão distante de sua terra natal e como isso os teria beneficiado.

Também, buscamos delimitar quais foram os motivos dos ataques de 860, realizando uma pesquisa do que estaria acontecendo nas demais localidades do Império no momento da invasão aos subúrbios de Bizâncio. Sendo assim, notamos dois elementos importantes: a ascensão do Islamismo, que rapidamente acumulou muito poder e dominou áreas que antes eram dos bizantinos e assim os enfraqueceram e, internamente, o iconoclasmo, que fez com que a Igreja de Roma se distanciasse de Bizâncio, vendo-a como herética. Estes dois problemas minavam cada vez mais a estrutura bizantina, fazendo com que suas forças fossem se esgotando. A onda dos ataques seguia por todos os lados, e fez com que Miguel III deixasse a capital desprotegida. Então o ataque aconteceu.

Partindo desta concepção, realizamos uma análise dos acontecimentos sobre o período de certa recuperação de Bizâncio enquanto ela estava sob a organização militar de Leão III (717-741). Ele foi o responsável por restaurar uma parte dos territórios bizantinos perdidos e reestabeleceu a segurança do Império. Realizamos também uma análise sobre a ascensão do Islã, das importantes tomadas de terra que conseguiram realizar ao longo de seu caminho em

direção ao aos Impérios Bizantino e Sassânida e da mudança do califado Omíada para o Abássida em 750. Também buscamos compreender qual teria sido a trajetória dos Rus’.

Por fim, acreditamos ter conseguido responder a nossa questão sobre o motivo do ataque russita à Bizâncio em 860. Entretanto fomos obrigados a não olhar somente para o acontecimento em si, isto é, tivemos que pesquisar sobre as atividades dos envolvidos – bizantinos e muçulmanos – antes do ataque. Além disso, no resultado final de nosso trabalho, notamos que seria necessário não somente pensar na data de 860 e em seus resultados, mas sim trabalhar o eixo da unificação do norte da Rus’ com Kiev, seguindo para o segundo ataque aos bizantinos, liderado por Oleg, em 907, para que pudéssemos compreender que tudo estava articulado. Finalmente, buscamos apresentar, durante a pesquisa, os motivos para que a incursão russita de 860 à Bizâncio e o seu esforço em garantir o seu ingresso oficial nos exércitos bizantinos como mercenários, consolidando, assim, a formação de alianças.

Capítulo 1: Aspectos geográficos.

Primeiramente, para que possamos compreender as expedições para territórios tão distantes das terras da Rus’, é necessário apresentar algumas das diversidades presentes em seus territórios, de modo que não tenhamos em mente que elas foram realizadas somente por motivações de saquear outros territórios.

Sendo assim, devemos considerar também seus motivos partindo da visão de um parco suprimento que o território dispunha para as comunidades. É importante ter em vista a influência que o meio teve sobre os sujeitos, de forma que eles não fossem apenas personagens que teriam que superar e modificar um ambiente natural neutro onde o drama da história se passa. (SHAW, 2006: 20).

No litoral do Mar Negro, a influência bizantina parece ter ficado confinada à costa da Criméia, não havendo avanço para os interiores russitas na forma de cobrança de taxas ou aplicação de leis, deixando-os livres de sua influência. Avançando mais um pouco, para o interior, as estepes eram habitadas por grupos nômades como os Kázaros, Pechenegues e Magiares, que viviam do pastoreio. Porém, segundo Noonan (1999: 492), esta atividade não supria todas as demandas para sua sobrevivência, fazendo com que dependessem de negociações ou saques a grupos sedentários, o que os tornavam conhecidos por estes ataques.

Ainda sobre a importância das negociações entre nômades e sedentarizados, Noonan aponta para a presença ocasional nômade em centros comerciais importantes, como na estepe pântica, delta do Volga, provavelmente em Itil', e em Kherson. Os grupos itinerantes garantiam a segurança para estes comerciantes que estariam a caminho dos territórios vizinhos. A vida dos camponeses era baseada na plantação de grãos, que não rendia muito por fatores geográficos e climáticos, como a escassez de chuvas. Assim, a seca não proporcionava que fosse um solo fértil, mas arenoso, raso e rochoso, fazendo com que a pouca produtividade levasse à estocagem para que garantisse por mais algum tempo sua vida útil.



Figura 1: Mapa dos possíveis pontos comerciais seguros em direção à estepe pântica.

Um pouco mais ao norte de Kherson, temos a região das florestas, onde a disputa pela exploração dos recursos naturais, como as peles advindas da caça, era protagonizada pelos Fino-Ugrianos e bálticos. Apesar de certa abundância de animais e alimentos próximos, a necessidade de fazer comércio existia em relação a alguns itens que seus vizinhos produziam. Por conta disso, evitar o comércio com estes vizinhos não lhes trazia benefício algum, pois este

era, segundo Noonan (1999: 497), imposto a eles e, de fato, era preferível o pagamento obrigatório de homenagem e expedições armadas.

Ainda mais ao norte, as costas do norte da Noruega e do Mar Ártico abrigavam os Saami, que caçavam durante o inverno e pescavam durante o verão. Tanto os Saami quanto os Nentsy realizavam estas atividades desde suas primeiras organizações e, mais tarde, desenvolveram uma cultura de pastoreio de renas. A região do Beloozero permitiu uma articulação do desenvolvimento daquele local ao negociar com os dois povos e facilitando uma expansão que teria se iniciado a partir de Novgorod e se apoiado na cobrança de tributos sobre os Fino-Ugrianos, Saamis e Samoiedos da tundra e da taiga.

As diferenças das regiões forçaram as comunidades a se direcionar de alguma forma para algum lado que poderia oferecer uma vantagem maior, fazendo permitindo a sua expansão. As relações então sempre se dariam em direção da troca ou da conquista de bens, de modo a suprir as necessidades de obtenção de produtos que faltavam a essas comunidades.

1.2 Fonte.

1.2.1 A Crônica Primária.

A Crônica Primária, ou *Povest' vremennykh let*, no russo, foi compilada por volta de 1113. Ela descreve a história da Rússia. Nela, a história tem seu início no ano de 852, marcado como o alvorecer convencional da história russa. A Crônica relata os eventos até 1110. Acreditou-se, por muito tempo, que ela teria sido escrita por Nestor, monge do Mosteiro da Cripta, em Kiev, entre o fim do século XI e início do século XII. Porém, atualmente, constata-se que não fora ele quem a escreveu.

Alguns trechos do texto não possuem muita verossimilhança, pois quando o observamos com cautela, pode-se notar a presença de elementos lendários que atestam a inventividade do cronista, como a morte de Oleg, que lhe é avisada por alguns adivinhos. De acordo com a tradução de Cross (1968:69), era dito que seu cavalo o mataria. Oleg, então, mandou cuidar bem do cavalo e, depois de quatro anos, perguntou sobre ele. Informado de que ele estava morto, pediu para ser levado até os ossos e, chegando lá, riu e bateu com o pé sobre o crânio do cavalo, de onde uma serpente rastejou e lhe mordeu o pé, o matando.

Um outro livro, este de autoria confirmada de Nestor, *Life of Boris and Gleb*, possui acontecimentos que também são descritos na Crônica. Sendo assim, após Cross (1968: 7) descrever uma série de comparações entre elas, fica evidente que não fora usado o mesmo crivo descritivo para as duas produções. Outro apontamento que o autor faz é em relação à presença de trechos de cronistas bizantinos como George Hamartolo, que viveu no período de Miguel III (842-867) e Simeão Logóteta, que viveu na segunda metade do século X.

Em 1722, Pedro, o Grande, teria dado uma ordem para que fossem recolhidos e copiados todos os documentos relacionados às Crônicas, o que fora feito, mas não houve padrão crítico dos conteúdos até o século XIX, quando foi criada a Comissão Arqueográfica do Ministério da Instrução Pública, em 1834, em um momento de grande nacionalismo, o que auxiliou na defesa da tese anti-normanista, isto é, uma base de argumentação que buscava definir as origens da nacionalidade russa.

Desta forma, nos parece que não teria sido mesmo Nestor quem elaborou a *Povest' vremennykh let* e também ela não teria informações advindas senão das próprias crônicas bizantinas. O que Cross (1968: 12) argumenta é que o autor da crônica se juntou ao mosteiro por volta de 1057, quando Teodósio se tornou o prior, tendo dezessete anos na época e setenta quando a Crônica foi concluída em 1110. A partir disso, Cross levanta a hipótese de que a Crônica tenha sido compilada por um único monge do mosteiro da Cripta.

Quanto ao conteúdo da Crônica, cremos ser necessário apontar brevemente alguns personagens presentes na descrição da cronologia para que o leitor se situe, sendo assim: Rurik, é o líder varegue presente no “chamado dos príncipes”, por volta de 852, em Novgorod; Askold e Dir eram subordinados de Rurik e também governaram Kiev por volta de 862 a 882; Oleg (879–912) era um subordinado de Rurik, que fora encarregado de cuidar do filho de Rurik, Igor, quando seu pai morreu em 879.

Sendo assim, de acordo com Cross (1968: 34), os nomes de Rurik e seus parentes, de Askold e Dir, e de Oleg e Igor sobreviveram na lenda popular de Kiev da mesma maneira que os heróis da última *bylina*, as poesias heroicas dos eslavos orientais. Embora haver dúvidas de que Rurik, Askold e Dir fossem reais, no caso de Oleg e Igor são atestados com firmeza nos tratados gregos onde são mencionados.

Por fim, apesar das inseguranças que devemos ter em relação às informações da Crônica, a importância dela ainda é notável, visto que não há outro meio de obter uma descrição sobre

os acontecimentos que partissem de alguém escrevendo na Rus'. Seria então este autor desconhecido que, utilizando dos modelos de escrita daquele mosteiro, realizou seu trabalho como um conjunto de descrições, que nos permite imaginar em qual ambiente se manifestavam aqueles sujeitos históricos.

Capítulo 2: Rus', Bizâncio e Islã.

2.1 Rus'

Antes de abordarmos este campo diretamente, é importante destacarmos que a origem do estado Rus' é uma incógnita que se divide em duas teorias: a dos normanistas e a dos anti-normanistas. Para além da própria arqueologia e dos estudos já elaborados, onde se discutira se viera dos eslavos ou escandinavos a filiação dos Rus', não podemos contar com muitas fontes, exceto os sermões elaborados de 860 a 867, por Fócio, e a Crônica Primária, em 1113.

Sendo assim, segundo Muceniecks (2012: 6), a defesa dos normanistas se baseava nas análises linguísticas dos nomes presentes nas crônicas para sustentar o argumento de que teria sido uma elite escandinava que vivia próximo do Mar Vargue (Mar Báltico). Portanto, uma elite *vargue* seria a verdadeira fundadora da Rus' Kievita. Segundo Cross (1968: 40) em particular, eram conhecidos como russitas, assim como alguns são chamados suecos e outros normandos, ingleses e gotlandeses. Ele completa que *vargue* é apenas um termo genérico, enquanto *Rus'* é um específico, no qual os define como eles seriam vikings do Leste, mais especificamente da Suécia.

Por outro lado, é interessante ressaltar que, segundo Muceniecks (2012: 12), é a partir do período soviético que os anti-normanistas desenvolverão uma argumentação divergente, que teria como pressuposto a defesa da nacionalidade russa. Eles defendiam que seriam os eslavos que pertenciam ao Sul de Kiev que teriam o nome Rus' muito antes do começo das formações dos povos de Novgorod e Ladoga, local de influência dos fino-úgricos e baltos. Por fim, sustentavam também que apenas a semelhança dos nomes de origem nórdica presentes nas crônicas não seriam suficientes para afirmar essa origem fino-úgrica e báltica, mas que isso

poderia provar que eles fossem apenas representantes políticos dos eslavos do Sul de Kiev, isto é, seriam subordinados dos verdadeiros representantes da nacionalidade russa.



Figura 2: Mapa dos territórios pertencentes aos Rus'.

Quanto às fundações iniciais do estado Rus', acreditamos ser necessário apresentar o “chamado dos príncipes”, presente na Crônica (p.39-40), o qual descreve que, por volta de 862, primeiramente, haviam varegues que mantinham seu poder sobre os eslavos. Porém, eles excediam esse poder, o que fez com que os eslavos ficassem insatisfeitos por isso e se rebelassem, expulsando seus tributadores.

Depois disso, as tribos eslavas não teriam entrado em um acordo e enviaram uma mensagem para os russitas varegues. Cross (1968: 59) traduz a seguinte passagem: “nossa terra é grande e rica, mas não há ordem nela; venha, governe e tenha domínio sobre nós”. O pedido foi então aceito e Rurik, junto a seus irmãos, Sineus e Truvor, eles então assumiram o controle da parte norte do território russita, Novgorod, Beloozero e Izborsk, que ficaram conhecidas como “terra de Rus”. Ao que parece, Sineus e Truvor morreram algum tempo depois de seu estabelecimento no novo território, fazendo com que Rurik os incorporasse ao seu. Já em 879, seria a vez de Rurik, líder de Novgorod, que deixara seu trono e seu filho, Igor, aos cuidados de seu sucessor, Oleg.

A partir disso, a expansão dos domínios territoriais só se daria por volta de 882, quando Oleg, agora líder varegue de Novgorod, fora até Kiev, no sul, próximo ao Dnieper, tomar terras de Kiev, que seriam do príncipe Rurik, mas que estavam sob o comando de Askold e Dir. Sendo assim, Oleg os assassinou e tomou o controle de Kiev, transferindo a capital, de Novgorod para Kiev, ligando as duas regiões e colocando todas as tribos sobre seu controle.

2.2 Bizâncio.

Constantinopla estava localizada no Corno de Ouro, próximo ao Mar de Mármara, onde a Europa encontra a Ásia. Próxima também ao Danúbio e ao Eufrates, buscava exercer o controle sobre estas regiões. Durante quase todo o período de sua existência, Bizâncio estava em disputa com forças externas que a afetariam.

Sua fundação, em 330, deslocou o centro de gravidade do Império Romano para o Oriente, deixando o Ocidente aberto à conquista dos bárbaros e resultando no esvaziamento do sentido de *romanitas*, que tomou depois, segundo Angold (2002: 32), um novo significado, produto de uma nova Roma. Esta seria modelada à imagem antiga, mas que concomitante à transformação de Constantinopla numa capital convenientemente cristã.

As dificuldades surgiam para os bizantinos e permeavam o campo político-religioso, fazendo com que seus contemporâneos não conseguissem dominar totalmente a situação diante do clima que se instalava. Dentre os problemas enfrentados, apontamos uma pandemia de peste bubônica, que aconteceu entre 542-44.



Figura 3: Mapa indicando a extensão do Império Bizantino.

O domínio cultural bizantino teria então mais um inimigo para desafiá-lo, isto a partir do fim do século VI, quando o Islã ascendera conquistando prestígio e imponência a ponto de matar o imperador dos sassânidas e impor seu poder sobre o planalto do Irã. (ANGOLD, 2002: 50). Depois disso, em um momento de desorganização da administração bizantina, tomaram também a Síria (636), a Palestina (637) e o Egito (641). McCormick (2005: 351) conta que a ascensão do Islã havia reduzido violentamente a escala geográfica e as estruturas institucionais do Império. Assim como também conta que a antiga fronteira do Danúbio e grande parte dos Balcãs foram invadidas por eslavos e búlgaros nesse mesmo momento.

Na tentativa de conter esse avanço, em algum momento após a década de 640, fez-se o estabelecimento de um *théma* (“distrito”) na Anatólia. Uma subdivisão militar em uma unidade territorial que era comandada por um *strategos*, que combinava tanto o poder militar quanto o civil a serviço do Império. (KAZHDAN, 1991). Constantinopla só conseguiu restaurar seu prestígio quando Constantino IV, estando sob um bloqueio do califa Um’awiya, usou do “fogo grego” para definir a batalha em 678 e derrotar o Islã. Como resultado disso, alguns governantes enviaram seus representantes com pedidos de paz.

A paz durou algum tempo, mas os muçulmanos atacaram novamente Constantinopla em 717. Desta vez, quem salvou o Império de sua queda fora o responsável pelo *théma* da Anatólia,

Leão III (717-741), que conseguiu resistir à pressão muçulmana fazendo uma negociação com eles. Porém, quando garantiu seu domínio e a coroa em Constantinopla, não cumpriu sua parte do acordo e derrotou os árabes um ano depois. Ele então deu início a uma reorganização do Império e realizou melhorias em suas defesas. Além disso, iniciou a implantação do iconoclasmo, que teria efeito total apenas alguns anos depois. Ele também enfrentou algumas rebeliões, que resultaram em mais impostos depois que os revoltosos foram contidos.

Neste período do cerco de Constantinopla, Angold (2002: 70) destaca que Leão III se correspondia com o califa Omar II (717-20), que lhe criticava por causa da veneração da cruz e das imagens. Apesar de ter ficado furioso, o Imperador admitiu que as imagens não eram dignas de respeito. Os motivos da implantação do iconoclasmo não são afirmados diretamente, mas, ao que parece, o Imperador estaria recebendo algumas influências do Islamismo e do Judaísmo, visto que não contavam com a fabricação de ícones para seu culto, considerando que a ausência das imagens teria alguma influência na estabilidade da governança.

Por conta disso, o andamento das relações entre Roma e Constantinopla não ia bem. Cada vez mais o distanciamento aumentava e fazia com que o campo político-religioso que as regia fosse minado. Mas, ao que parece, a reação acerca desse iconoclasmo demonstra um contentamento interno, visto que, devido ao gradual reestabelecimento do poder, às vitórias contra os árabes e sua defesa da iconoclastia, Constantino V fazia com que suas ações não fossem vistas como uma “heresia imperial” graças à sua base popular que garantiria que fosse lembrado com afeto muito tempo após sua morte. (ANGOLD, 2002: 76).

Às custas do distanciamento com o Mediterrâneo Ocidental, a implantação do iconoclasmo também concedeu benefícios à Bizâncio, pois seria nesse curto espaço de tempo que Leão III e Constantino V o usariam como distração enquanto restauravam as bases de autoridade imperial abaladas pelo Islã e asseguravam a organização da vida social até fins do século IX e início do X. Outro importante resultado do iconoclasmo seria o estreitamento das relações com o califa al-Ma'mun (813-33), que convidou Leão, o Sábio, para visitá-lo em Bagdá, onde ocorria uma revivescência da ciência clássica.

Entretanto, para com o Cristianismo latino, o assunto era tratado diferente: o Papa Adriano I condenava as ações dos *basilei* e tinha a seu lado um modelo cristão a ser seguido, Carlos Magno. A busca de Adriano I pela defesa das imagens resultou no Segundo Concílio de Nicéia, em 787, que pôs fim ao iconoclasmo no período da imperatriz Irene.

Portanto, após a implantação do iconoclasmo, o caráter intrínseco da política ligada à religião em Bizâncio acabava por afetar todas as suas relações exteriores. Todavia, por mais que Leão III soubesse que suas ações fossem causar problemas, ele conseguiu cumprir seu papel maior de imperador comandante: assegurar seu império.

2.3 Islã.

No fim do século VI cristão, um grande número de cabilas estava presente na Arábia e fazia parte de uma comunidade linguística e cultural, sendo politicamente independentes. A religiosidade era apenas um elemento tradicional perpassado por seus ancestrais.

A partir do momento em que alguns membros da comunidade começaram a se reunir em torno de Maomé, algumas dificuldades em relação aos ensinamentos do Islã tiveram seus primeiros efeitos: eles ameaçavam os privilégios de alguns comerciantes, o que fez com que Maomé e seu séquito tivessem de se retirar para Medina, em busca de reunir forças para lutar contra seus perseguidores, resultando então em sua volta para Meca e consequente vitória que o fizera ser reconhecido como chefe religioso e político.

A partir disso, seria através dos quatro primeiros califas que a expansão para fora da Península Arábica estaria, segundo El Fasi (2010: 60), garantida pela fé comum que lhes proibia de prosseguirem suas lutas intestinas. Eles então conquistaram, em alguns anos, uma série de vitórias importantes, tanto sobre o Império Bizantino e a Pérsia dos sassânidas, dando fim ao último em 642. Partindo para o Leste, em 650, chegaram à Índia, Norte o Iraque e Armênia. Tal sucesso só foi freado quando uma guerra civil eclodiu após a morte do califa Uthman (Otomão ibne Afane) e a chegada da dinastia Omíada ao poder em 661 pelas mãos de Mu'āwiya (Mouáia I). Já nos finais do século VI, francos barraram o avanço das tropas muçulmanas no Oeste, enquanto no Norte do Cáucaso foram freados pelos khazares.

A política omíada para obter o máximo de controle sob seus novos territórios conquistados, consistia em, segundo El Fasi (2010: 61), submeter ao imposto todos os não-muçulmanos, ao passo que os árabes muçulmanos eram isentos e inclusive recebiam rendas alimentadas pelas receitas fiscais.

El Fasi completa que a mudança da capital de Damasco, na Síria, para o Iraque, ao fundar Bagdá em 762, com os Abássidas, mudara não somente o centro de gravidade do império, mas inaugurou uma nova era. O novo califado ainda se expandiria, porém em menor

intensidade e com algumas perdas para uma dinastia que dominou territórios do norte da África e se expandiu pela Ilha de Malta e também pela Sicília em 828, os aglábidas. O califado também não conseguiria tomar a Espanha em 756, devido a um descendente omíada fundar seu reinado que duraria por mais de dois séculos.

Desta forma, parece que a sustentação da expansão seguiria com força, mas o descontentamento com uma minoria comerciante que usurpava o poder político e econômico se agravou tanto que culminou na queda dos Omíadas e na sucessão dos Abássidas. Estes últimos teriam utilizado do descontentamento da comunidade muçulmana não árabe para realizar um levante e derrubar seus antecessores.

O califado abássida teria então uma hegemonia política suficiente para manter seu estado centralizado entre 750 e 861. Neste ínterim, desde Al-Mansur, o segundo califa abássida, ao remover seus rivais, assegurou sua linhagem de califas até 1517. Al-Mu'tasim, para além das guerras intermitentes de fronteira com os bizantinos, promoveu a construção de exércitos de mercenários vindos da Ásia Central turca.

Esses exércitos forneceram a força por trás do último ataque ao império bizantino devastando Amório, em 838, uma cidade estratégica que controlava a principal rota das invasões árabes em retaliação a um ataque realizado por Bizâncio um ano antes pelo imperador Teófilo (829-42).



Figura 4: Mapa localizando Amório em 838.

Capítulo 3: O contexto.

O século IX foi custoso para Bizâncio, que buscava formas de proteger seus territórios enquanto o poder islâmico se expandia cada vez mais em direção a eles. A fragilidade em que se encontravam frente a este impacto muçulmano fazia com que os bizantinos tivessem suas forças reduzidas, buscando então reorganizar suas estratégias para tentar impedir a entrada dos muçulmanos na região dos territórios bizantinos da Ásia Menor.

É necessário compreender que entre Bizâncio e o Islã se estabeleceram guerras fronteiriças que durariam anos. É preciso saber também que o período que apreendemos como de importância a nosso estudo deve ultrapassar as marcações temporais do período de 860 em si. Isso se explica, pois as movimentações anteriores ao ataque de 860 impuseram um tipo de relação, e as posteriores a ele fizeram surgir efeitos com uma duração mais estendida entre os envolvidos.

Desta forma, devemos reconhecer os eventos posteriores ao ataque de 860, como a primeira aparição dos Rus' em Bizâncio, em 839, onde o imperador Teófilo (829-42) relata que suas negociações resultaram no estabelecimento de uma embaixada em Bizâncio e uma escolta feita por Luís, o Piedoso, quando os dois partiram.

A necessidade de expandir os contatos não poderia se dar de outra forma senão abrindo rotas para fora dos territórios russitas, desta forma, para além das pilhagens realizadas ao longo do caminho com o objetivo de manter os suprimentos, a necessidade de firmar as relações comerciais por onde se passava. Neste caso, as dificuldades apresentadas por cronistas bizantinos não eram apenas exageros, mas verdadeiras, visto que a unidade do poder russo cobria as diferenças culturais das tribos que já pertenciam a ela, enquanto se lidava com as que se mantinham isoladas pelo território. Para isso, era necessário o acúmulo de recursos que permitiria sua sustentação próximo a seus vizinhos bizantinos e khazares que até o momento representavam uma força maior do que os russitas poderiam lidar através do enfrentamento.

Ainda, em 839, houve a criação do *thema* da Criméia, que Treadgold (1989: 134) afirma não ser somente coincidência, visto que estava estrategicamente próxima aos magiares e khazares, também conhecida como Tema de Climata, uma guarnição permanente de defesa. O autor ainda questiona quais seriam os inimigos que fizeram com que Sarkel, ao sul do rio Don,

fosse fortificada pelos bizantinos, e termina apontando que os magiares viviam perto dos khazares e bizantinos e, dentre estes, os dois primeiros eram inimigos dos Rus’.

O Império Bizantino possuía grandes dimensões para administrar, o que lhe custava grande poder de organização, como a comunicação das periferias com a liderança central quando ocorriam os conflitos militares. Podemos notar que não era possível executar com perfeição esta administração, ainda mais pela ascensão de diversos oponentes militares que buscavam se equiparar ao poder de Bizâncio ao mesmo tempo que a própria capital, seu centro político e econômico, não se conservava em segurança.

Exemplo disso é que, ao sul da Itália e na Sicília, os árabes atacavam pelo Mediterrâneo; piratas em Creta atravessaram o Egeu e entravam no Mar de Mármara, enquanto o leste do Mediterrâneo requeria esforço dos bizantinos para se defenderem. Em 838 sofreram baixas nas regiões de Amório e Ancira pelo califado que os deixara com certa debilidade, custando sua recuperação. A superação destes eventos se deu graças ao imperador Miguel III e seu tio Bardas, em 859, quando o esforço sobre alguns territórios na Ásia Menor trouxe Ancira para seus domínios novamente. Quanto aos russitas, as únicas informações de suas movimentações parecem levar a crer que já estariam se movendo em direção a Bizâncio.

Capítulo 4: O ataque e as motivações.

Seria próximo ao final de abril de 860 que uma frota de 200 barcos liderada por Askold e Dir partira de Kiev, eles percorreram o rio Dnieper até o mar Negro, o atravessaram e seguiram em direção ao Bósforo. Enquanto isso, já havia um tempo que o imperador Miguel III teria deixado Constantinopla aos cuidados do prefeito Nicefas Orifa, pois, novamente, viajava para enfrentar os árabes na Ásia Menor.

Quando Miguel já estava em Mauropótamos, fora avisado por Orifa de que barcos russitas teriam conquistado os subúrbios de Bizâncio, assim como também algumas ilhas dos príncipes, no mar de Mármara, e que, após seu desembarque, mataram muitos habitantes e destruíram tudo que podiam, causando terror nos que estavam presente.

Ao que parece, os russitas vieram de algum lugar para onde a atenção dos bizantinos não estava voltada, pegando-os de surpresa e causando desespero. Dado o alerta do prefeito, o imperador então voltou rapidamente à capital e, com dificuldades para atravessar o Bósforo

devido à presença de tropas russas que saqueavam aquelas áreas, conseguiu chegar ao centro do ataque e conter os invasores.

O retorno do imperador foi uma decisão estratégica: fugir dos árabes para proteger Constantinopla traria uma imagem ruim, mas ainda assim seria melhor do que as perdas que o império teria sem a sua liderança. A devastação se espalhava enquanto o reforço não chegava. Portanto, como dito anteriormente, devido à demora da comunicação, isso nos sugere que, neste ínterim, os invasores permaneceram por algum tempo no controle da situação, visto que, durante o retorno de Miguel, ele estava lutando com alguns invasores presentes ao redor da costa para alcançar os subúrbios e, quando finalmente o fez, apesar da resistência, conseguiu subjugar os russitas.

A invasão teve como foco principal a pilhagem durante os dez meses, enquanto pequenos focos de conflito nas áreas próximas iam sendo controlados de forma gradual até a marca aproximadamente de 5 de junho de 861, assinalada como a libertação final do Império do perigo russita, quando os últimos barcos russitas deixaram as costas bizantinas. (VASILIEV, 1946: 217). Os resultados desse evento foram selados entre as partes através da carta encíclica de Fócio, entre 864 e 867. Porém, uma paz que não duraria muito, ao menos até Basílio I (867-886) ter que enfrentar novos ataques.

A presença de dois elementos nesse tratado nos afirma uma mudança por parte dos russitas, isto é, de povos que atacavam para povos que agora buscavam relações próximas com os bizantinos. O primeiro seria o envio de uma embaixada russa logo que partiram de Bizâncio.

Entretanto, além disso, um passo mais importante fora dado: logo após sua partida, segundo Shepard e Simon (1996: 54), os russitas teriam enviado alguns representantes, os quais seriam responsáveis por mediar o seu primeiro esforço de cristianização e que Fócio teria descrito que eles demonstravam grande zelo pela adoração cristã. O que nos chama atenção, pois esta conversão se desenrolaria aos poucos, visto que quando Igor, filho de Rurik, proferira seu juramento para os gregos em 945, em relação a um acordo comercial feito entre eles, a Crônica relata que:

De manhã, Igor convocou seus enviados e foi até uma colina na qual havia uma estátua de Perun. Os russitas entregaram suas armas, seus escudos e seus ornamentos de ouro, e Igor e seu povo prestaram juramento (ao que parece, dado que eram pagãos), enquanto os russitas cristãos juraram na igreja de St. Elias, [...] Essa era, de

fato, uma igreja paroquial, já que muitos varangianos eram cristãos. (CROSS, 1968: 77)

Um importante destaque é feito por Vasiliev (1946: 188). A vantagem que os russitas tiveram tanto por mar quanto por terra sugere que eles poderiam ter sido informados da situação que se encontrava o Império Bizantino. Ao mesmo tempo, podemos supor que a estratégia não teria sido essa de informar aos russitas quando fosse a hora certa, pois seria impossível que a mensagem chegasse a Kiev a tempo, o que levanta suspeitas sobre qual seria a localização dos atacantes no momento em que o imperador estava distante. O autor ainda completa que, em relação ao percurso feito pelos atacantes, a possibilidade de um empreendimento partindo da Península Taurica, em meados do século IX, seria quase impossível devido o controle bizantino presente na região.

É necessário apontar que, no século IX, houve uma dispersão da atividade normanda que devastava grande parte da Europa há algum tempo: saques, conquistas territoriais. O ímpeto os fizera até atacar Roma. O ataque à Bizâncio em 860 entrara na corrente desses ataques que buscavam saquear tudo que pudessem.

O que acontece também é que a intensidade com que o ataque de 860 atinge os subúrbios de Bizâncio não nos permite imaginar como sendo um simples e pequeno ataque para a época, mas, tendo vista a quantidade de navios utilizada, se faria necessária uma grande preparação para alcançar o destino final. Seria então uma expedição rumo a algo grandioso, onde as riquezas eram conhecidas por todos e sua conquista talvez seria a maior de todas, não Sevilha, Paris ou qualquer outra cidade da Europa, mas Constantinopla.



Figura 5: Mapa referente aos destinos das incursões Vikings.

Algum tempo depois de Oleg unir o norte de Novgorod ao sul Kiev, ele realizou um novo ataque à Bizâncio, em 907. Isso resultaria, em 911, na “proclamação da amizade de longa data que une gregos e russitas, de acordo com os desejos de nossos grande príncipes e sob seu comando e em nome de todos os russitas sujeitos às mãos de nosso príncipe” (CROSS, 1968: 68.).

A descrição deste ataque e os resultados dele não serão descritos aqui, mas é importante que coloquemos tal informação presente para que pensemos na não individualidade do evento de 907 em relação ao nosso foco principal que é o ataque de 860. O que conseguimos notar é que: a posição que o estado russita conquistou permitiu que os indivíduos russitas posteriores se aproveitassem dessa posição que os auxiliaria em certa articulação entre estes eventos e como, dado o correr do tempo, seus representantes posteriores fossem a Bizâncio conseguissem

modificar tanto suas relações quanto seu espaço em território russita. Isto é, tal como Vasiliev (1946: 232) finaliza argumentando que, partindo do ataque em 860, as hostilidades à Bizâncio por Oleg, em 907, e o tratado final em 911, o eixo entre eles não deixa de se demonstrar como um evento quase que único, por sua ligação quase direta.

Com isso estamos dispostos a crer juntamente com Vasiliev (1946: 232), na suspeita de que esta seria a primeira indicação indireta de novas relações entre Bizâncio e os Rus' e que, entre outras coisas, resultaram no direito dos russitas de entrar no exército imperial como mercenários caso desejassem, visto que alguns russitas já estavam presentes na guarda imperial desde o final do primeiro ataque em 860. O que não fora prática incomum, dado que a integração de estrangeiros nos exércitos era feita não somente no período de nosso estudo, mas também em períodos ulteriores em que os poderes da região – bizantino e muçulmano – os utilizavam para obter maior capacidade possível de controle sobre as regiões e assegurar seu controle.

Entrar para o exército imperial de maneira formal, com tratados de compromisso entre as partes, significava muito para os Rus' em um momento em que seu estado buscava um caminho seguro a trilhar em relação a quem eles estariam ligados e ao renome de um Império. Assim como também uma religião forte, como a religião católica, que reunisse muitos seguidores sob uma estrutura já consolidada, apesar de suas últimas ressignificações, mas que conseguisse prover um centro em que a comunidade permanecesse unida.

Creemos então que este eixo de que o autor trata permite que compreender que tais eventos criam entre si uma singularidade, isto é, por mais que estivessem na corrente das invasões vikings que estavam acontecendo, ainda assim criam esta periodização no eixo oriental produzindo um efeito sobre as demais civilizações ao seu redor e influenciando na sua mudança.

Sendo assim, podemos observar que as ações dos Rus' em relação a Bizâncio cabem a uma perspectiva da “*Global Middle Ages*”, visto que a entrada russita nesse contexto bizantino envolve um campo regional do Mediterrâneo e os insere no processo que Moore (2016:91) chama de “intensificação” das atividades entre os poderes, dado que a partir do contato entre os dois o estabelecimento de diversas relações tanto políticas, econômicas quanto sociais permitiriam que o fluxo de informações fosse ampliado e possivelmente trouxessem elementos que poderiam ou não ser adotados por outros poderes nessa troca de informações.

Conclusão

Enquanto ainda buscamos uma resposta para a questão de quem teria escrito ou compilado a Crônica Primária, tendemos a compreender que tal meio utilizado em sua elaboração é uma tentativa nobre de elaborar as histórias às suas origens. O que nos permitiu utilizá-las, hoje, para que respondêssemos a nosso questionamento quanto às motivações de um povo que teria saído de tão longe para fazer com que outro povo negociasse com eles, demonstrando que eram guerreiros e, de certa forma, dignos de serem contratados como mercenários para outros exércitos.

A situação de Bizâncio frente ao califado abássida que, próximo à metade do século IX, atacara e destruíra seu ponto de defesa em Amório, deixou um vácuo na segurança bizantina que, por algum tempo era pressionada pelo califado enquanto os bizantinos preparavam seu contra-ataque. As conclusões dessa situação demonstram o imenso recuo de poder que Bizâncio teve na Anatólia e em outras partes do Mediterrâneo Oriental a partir do avanço que o Islã empreendia por diversos territórios.

A entrada dos invasores russitas por algum lugar nos subúrbios de Bizâncio de forma inesperada mostra que a fragilidade que permitiu aos russitas algum tempo para que pudessem saquear tudo e destruir a cidade, ainda ficando cerca de dez meses por lá. A partir disso, firmaram algumas condições com os bizantinos e iniciaram um processo de reestruturação da relação que era vezes conflituosa, vezes pacífica, mas que duraria cerca de cinquenta anos.

Com isso, o estreitamento das relações entre os russitas e bizantinos pode nos mostrar a possibilidade do início de uma permeabilidade do tecido da Rus' em comparação aos anos seguintes a este recorte. Seria também devido à aproximação entre estes dois poderes que, mais tarde, a realização de tratados mais significativos, para a organização estrutural da Rus', faria com que os russitas conquistassem espaços mais definidos em relação à diplomacia, visto que o ataque à Bizâncio, em 860, lhes proporcionava uma chance de se colocarem entre os exércitos de Bizâncio fornecendo apoio.

O que nos parece importante notar é a exatidão temporal com que os russitas atingiram Bizâncio, isto é, justamente quando suas defesas estavam baixas, pois seus líderes estavam resolvendo conflito em outro lugar, o que nos faz pensar qual seria a estratégia utilizada para tal feito. As possibilidades parecem ser muitas. Um ataque organizado conjuntamente com os árabes, uma mudança na rota percorrendo a costa búlgara ao contrário de uma navegação direta

pelo Mar Negro, um estacionamento das frotas próximo à Bizâncio ou até mesmo todas as alternativas anteriores. Outra questão é o tempo que teria custado em termos de viagem para que fosse realizado este ataque, visto que percorreram uma distância muito grande. O que nos prova novamente que não teria sido um simples ataque. Mesmo lançado de Kiev, que estaria mais próxima, seria uma expedição muito bem pensada e discutida entre seus organizadores.

O que nos parece mesmo é que o resultado surtiu um efeito positivo para o lado russita, mesmo após a chegada do imperador os derrotando. Nos convencemos de que não fora meramente um ataque como qualquer outro com o intuito de saquear, mas que fora realizado com o objetivo de abrir caminho para a construção e expansão do poder Rus’.

A partir da análise dos documentos utilizados conseguimos realizar um levantamento acerca do tema abordado, mas mesmo assim as fontes para nossa região, principalmente em relação à Rus’, ainda se mostram muitas delas repetitivas, nos fazendo às vezes recorrer a uma ou outra obra que abarque tanto o antes quanto o depois do evento de 860.

Tudo isso, porque um parco número de historiadores que se propunha a discutir tal evento estaria nas academias da América do Norte, enquanto apenas um historiador, em São Paulo, trabalhara a questão do Principado de Kiev. Muitos trabalhos estão há décadas como versões completas dessa história, sem que se debata ou seja lançado um novo olhar para os acontecimentos que estão fora das prescrições europeias da época.

Sendo assim, apesar da dificuldade no acesso às informações, acreditamos que o contexto bizantino, desde sua formação, gerou instabilidades em relação aos da região. Além do distanciamento dos modelos ocidentais religiosos de Roma, teria que enfrentar dificuldades quando o mundo muçulmano se mostrou um concorrente poderoso pelo controle da Anatólia, tomando seus territórios e influenciando nos conflitos iconoclastas.

As disputas com o Califado criaram um ambiente no qual Bizâncio estava enfraquecida, sendo atacada pelos povos Rus’, em 860, e deixando um abalo com este feito, o que gerou desconfiança por algum tempo entre os administradores bizantinos. Já pelo lado dos russitas, a importância de firmar tais contatos se tornou imprescindível para garantir tratados com Bizâncio e, principalmente, seu ingresso no exército bizantino.

A entrada dos russitas no contexto bizantino ainda deve ser vista de maneira a ampliar nosso campo de estudo, nos permitindo analisar quais seriam as condições mais precisamente que os obrigaram a fazer a investida para um território tão longínquo. A tentativa de ampliar as

relações por parte dos russitas pode ser também atribuída à resiliência em função de sua localização, isto é, a busca por condições externas que facilitassem sua sobrevivência em meio às dificuldades geográficas em que estavam inseridos. Desta forma, por mais que a investida contra Bizâncio possa ser vista como muito arriscada, ainda assim, a estratégia utilizada rendeu-lhes algum avanço e resultados importantes.

Referências documentais

CROSS, Samuel. H; SHERBOWITZ-WETZOR, Oleg P. *The Russian Primary Chronicle*. Cambridge: Mediaeval Academy Of America, 1968.

Referências bibliográficas

ANGOLD, Michael. Bizâncio: a ponte da antiguidade para a Idade Média; tradução Alda Porto Santos. – Rio de Janeiro: Imago, 2002 156 pp.

EL FASI, Mohammed & HRBEK, Ivan. "O advento do Islã e a ascensão do Império Muçulmano". In UNESCO. *História Geral da África*. Vol. III - África do século VII ao XI. São Paulo: Ática / Unesco, 1982-91, capítulo 02.

FRANKLIN, S.; SHEPARD, J.. *The Emergency of Rus´: 750-1200*. New York: Longman Publishing, 1996.

JOTISCHKY, Andrew; HULL, Caroline. *Historical Atlas of the Medieval World*. Penguin UK, 2005.

KAZHDAN, Alexander, P. *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Vol. III. New York. Oxford University Press, 1991.

MCCORMICK, Michael (ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Volume II: Byzantium and the west, 700-900. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

MOORE, R. I. *A Global Middle Ages?* In: J. BELICH, J. DARWIN, M. FRENZ & C.

WICKHAM (Org.), *The Prospect of Global History*. Oxford: Oxford University Press. 2016. P. 80-92.

MUCENIECKS, André Szczawlinska. Revisitando a controvérsia Normanista. In: BIRRO, Renan M. & LANGER, Johnni. (Org.). *Escandinávia Medieval. História e Literatura Germano-Escandinava*. Vitória: UFES, 2012, v. 6, p. -.

NOONAN, Thomas S. (ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Volume II: Byzantium and the west, 700-900. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

SHAW, Denis J. B. Russia's Geographical environment. In: *The Cambridge History Of Russia*. Vol. 1. From early Rus´ to 1689. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VASILIEV, Alexander A.. *The Russian Attack on Constantinople in 860*. Cambridge Massachusetts, 1946.

TREADGOLD, Warren. “Three Byzantine Provinces and the First Byzantine Contacts with the Rus.” In: *Harvard Ukrainian Studies*, 12/13, 1988, pp. 132–144. Disponível em www.jstor.org/stable/41036309 acessado em 17/08/2019.